

## GILBERTO FREYRE CONCILIADOR DE CONTRÁRIOS

Edson Nery da Fonseca

Quando Gilberto Freyre publicou, em 1941, a obra *Região e Tradição* — coletânea de textos de diferentes datas, dispersos em obras coletivas e publicações periódicas — Álvaro Lins, então crítico hebdomadário do *Correio da Manhã*, escreveu dois artigos fundamentais para o conhecimento da personalidade e da história literária do autor. O título desses artigos — que podem ser lidos na segunda série do *Jornal de Crítica* <sup>1</sup> — indica o tema que tentarei abordar neste depoimento, solicitado por Maria do Carmo Tavares de Miranda para o número especial de *Ciência & Trópico* dedicado à memória de nosso grande *Founding Father*, como dizem os norte-americanos dos fundadores de sua nação.

A história de Gilberto Freyre, como observou Álvaro Lins num dos artigos citados, começou no Recife, onde necessariamente teria de acabar. Porque o Recife — completado, naturalmente, por sua mãe Olinda e por sua avó Igarassu, como ele gostava de dizer — sempre foi, para Gilberto Freyre, muito mais do que a cidade natal: foi seu microcosmo, isto é, um resumo do Universo, para remontar à origem grega da palavra *mikrókosmos*.

Como Dublin na obra de James Joyce, o Recife é um assunto sempre recorrente no pensamento de Gilberto Freyre. Não foi por acaso que, depois de estreitar em 1933, com *Casa-Grande & Senzala*, iniciando o mais abrangente painel de análise psicossocial de nossa formação histórica — painel de que são partes inseparáveis *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959) — seu segundo livro tenha sido o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, aparecido em 1934, numa edição de apenas 105 exemplares, artisticamente concebida e realizada por Luís Jardim. <sup>2</sup>

Recorde-se também o delicioso texto de 1967, *O Recife, sim! Recife não!* <sup>3</sup> Recordem-se dois outros pequenos guias de sua autoria que apareceram nas listas telefônicas do Recife, nas décadas 50 e 60. <sup>4</sup> Tanto quanto outros textos, igualmente informativos e líricos, dispersos em revistas nacionais e estrangeiras. <sup>5</sup>

Esta impressionante recorrência é uma expressão do itinerário existencial de Gilberto Freyre, que parte do Recife e ao Recife volta, num processo permanente de retroalimentação ou *feedback*. “Cigano de beca”, segundo ele mesmo se definiu, Gilberto Freyre viajou muito como professor visitante de universidades norte-americanas e européias, algumas das quais lhe conferiram o grau de doutor Honoris Causa: Colúmbia (New York) em 1954, Múnster (Alemanha) em 1956, Coimbra (Portugal) em 1962, Paris (Sorbonne) em 1965 e Sussex (Inglaterra) em 1966. Mas sempre regressando ao Recife.

Ele foi conferencista até no Oriente: em novembro de 1951, reuniu-se para ouvi-lo dissertar sobre lusotropologia a douda Real Sociedade de Bombaim. <sup>6</sup> De agosto de 1951 a fevereiro de 1952 ele visitou povos de formação portuguesa na África e na Ásia: viagem de que resultaram os livros *Aventura e Rotina* — no qual se encontram alguns de seus textos mais artisticamente literários — e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas*, publicados em 1953. <sup>7</sup> Mas sempre completando a aventura das viagens com a rotina da província.

Como se vê, Gilberto Freyre foi um exemplo vivo da difícil mas possível conciliação entre a vivência provinciana e a modernidade universal. Sua vida e sua obra foram objeto de verbetes nos repertórios biográficos universais — como o *International Who's Who* — e em obras de referência dedicadas ao pensamento moderno, como o *Dictionary of Modern Thought* e *Contemporary World Writers*. <sup>8</sup> Mas ele sempre fez questão de apresentar-se como “recifense de Apipucos”, subúrbio que imortalizou nas páginas de prosa poética de outro livro saboroso, em cujo título associou o topônimo provinciano com uma pergunta universalizada por certa personagem de Shakespeare: *Apipucos: que há num nome?* <sup>9</sup>

Diga-se logo desse apego de Gilberto Freyre ao Recife que não excluiu nunca seu interesse e até seu amor por outras “ilhas culturais” do que chamou, em *Continente e Ilha*, o “arquipélago brasileiro”: <sup>10</sup> um interesse amoroso que o levou até a pensar em escrever — e anunciar — guias práticos, históricos e sentimentais de Belém do Pará, da Bahia — a “Bahia de Todos os Santos e de Quase Todos os Pecados” exaltada em poema de 1926 do qual Manuel Bandeira afirmou que desejaria ter escrito <sup>11</sup> — e do Rio de Janeiro. <sup>12</sup> Sua preocupação com a complexa mas indispensável articulação dos diferentes Brasis num conjunto nacional lembra o sentimento de Unamuno em relação à sua também complexa Espanha: o sentimento pungentemente expresso na frase “me duele España”, “a Espanha me dói!”.

Não existe área cultural brasileira que tenha escapado à sua atenção e a seu interesse de pensador social alongado em escritor literário. São memoráveis suas páginas sobre a Amazônia, <sup>13</sup> o Ceará, <sup>14</sup> a Bahia, <sup>15</sup> Minas Gerais, <sup>16</sup> São Paulo, <sup>17</sup> Mato Grosso, <sup>18</sup> Rio Grande do Sul. <sup>19</sup> Recorde-se, a propósito, seu pioneirismo na criação de palavras expressivas dos diferentes *ethos* brasilei-

ros, como mineiridade, baianidade, pernambucanidade, tanto quanto pernambucanizar e pernambucanizado, recifensizar e recifensizado.

Foi Gilberto Freyre quem primeiro interpretou Brasília como cidade-síntese dos diferentes Brasis. Seu livro sobre o assunto, publicado em Lisboa, no mesmo ano em que se inaugurou a nova capital do Brasil, é uma tentativa pioneira de conciliação entre a diversidade regional e a unidade nacional. Impressionado com esse pan-brasileirismo freyriano, já evidente em *Casa-Grande & Senzala*, o historiador argentino Ricardo Sáenz Hayes, ao prefaciá-la primeira edição dessa obra em espanhol, chamou seu autor de "el brasileño integral".<sup>20</sup>

Enganam-se, portanto, os que consideram Gilberto Freyre como intérprete somente do *ethos* nordestino. Ninguém, na verdade, interpretou o Nordeste como ele, em páginas ao mesmo tempo de ciência ecológica e de geografia lírica.<sup>21</sup> Mas suas inquietações e suas pesquisas sempre tiveram por objeto o conjunto nacional: desde as origens remotamente ibéricas, afronegras e ameríndias até suas projeções no mundo moderno e pós-moderno. E isso desde os dias de estudante de pós-graduação na Colúmbia University (1921-1922), quando conheceu e teve como professor o famoso antropólogo Franz Boas.

Ele mesmo o recorda, no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*: "Creio que nenhum estudante russo, dos românticos, do século XIX, preocupou-se mais intensamente com os destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares".

Enganados também estão os que acusam Gilberto Freyre de passadista, desconhecendo ou ocultando seu conceito de "tempo tróico", no qual desenvolve uma idéia de Santo Agostinho: a de que o passado, o presente e o futuro não são categorias fixas, mas dinamicamente inter-relacionadas; ignorando ou fingindo ignorar o posicionamento de Gilberto Freyre entre os primeiros pensadores sociais do mundo que encararam a automação como sinal do advento de uma sociedade pós-industrial. Leia-se, a propósito, seu ensaio em inglês "sobre o conceito ibérico de tempo".<sup>22</sup> E recorde-se que muito anterior ao tão badalado ensaio do sociólogo francês Jean-François Lyotard sobre *A Condição Pós-Moderna* é o que nosso "recifense de Apipucos" publicou, em 1973, com o expressivo título de *Além do Apenas Moderno*.<sup>23</sup>

Esta permanente conciliação de contrários é um dos aspectos mais fascinantes da personalidade e da obra de Gilberto Freyre. Sua cosmovisão ou *Weltanschauung*, como dizem os alemães, parece ter como *leit-motif* o velho ditado lusitano "nem tanto ao mar, nem tanto à terra". Na abrangente perspectiva freyriana não existem posições antitéticas, pois ele procura logo conciliá-las em sínteses dialéticas.

É, talvez, uma atitude inspirada pelo relacionamento — nem sempre conflituoso, mas, ao contrário, freqüentemente amoroso — entre senhores e escravos, dominadores e dominados na formação social do Brasil: relacionamento sociologicamente simbolizado no título *Casa-Grande & Senzala*, onde o conectivo & parece indicar o cruzamento de raças de que resultou a morenidade brasileira. Recorde-se, para concluir, que esse conectivo é uma abreviatura da palavra *et*, com a vogal absorvendo a consoante em verdadeiro conúbio alfabético.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Álvaro Lins. "Regionalismo e universalismo". Em seu: *Jornal de crítica*. 2. série. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943, p. 202-222. Artigos publicados no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) em 5 e 12 de julho de 1941.
- 2 Gilberto Freyre. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Ilustrações de Luís Jardim. Recife, Oficinas Gráficas da The Propagandist, 1934. 92 p. não numeradas + 1 mapa desd. Tiragem de 105 exemplares em papel Vidalon-Montval, coloridos a mão por Luís Jardim. Reproduções de José Maria C. de Albuquerque.
- 3 Gilberto Freyre. *O Recife, sim! Recife, não! Pequeno guia do Recife escrito para não-recifenses pelo recifense de Apipucos Gilberto Freyre*. São Paulo, Arquimedes Edições, 1967. 101 p.
- 4 Gilberto Freyre. "Pequeno guia da cidade do Recife". Ilustrações de Lula Cardoso Ayres. *Lista Telefônica Oficial* (Recife) 1959, p. I-IX. "Pequeno guia das cidades do Recife e de Olinda". *Guia dos Telefones* (Recife) 1964, p. III-X. Também aparece no volume correspondente a 1964-65.
- 5 Gilberto Freyre. "Retorno à província natal". *Boletim de Ariel* (Rio de Janeiro) v. 5, n. 10, p. 264-265, julho 1936. "Recife, my home town". *Américas* (Washington) v. 9, n. 1, p. 11-15, January 1957. "Roteiro sentimental do Recife". *Manchete* (Rio de Janeiro) n. 522, p. 42-48, 21 de abril 1962. "Província e Rio". *Revista Esso* (Rio de Janeiro) v. 27, n. 4, p. 4-6, 1964. "Recife, cidade recatada". *Revista da Associação Cristã Feminina* (Recife) dezembro 1967. "Da presença e força coletiva de uma cultura: a brasileira, tão marcada por Pernambuco ou pelo Recife". *Vogue Brasil* (São Paulo) n. 42, p. 170-171, dezembro 1978.
- 6 Gilberto Freyre. "Palavras na Real Sociedade Asiática de Bombaim". Em seu: *Um brasileiro em terras portuguesas*". Ver nº 7, p. 118-129.
- 7 Gilberto Freyre. *Aventura e rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953. 557 p. (Col. Documentos brasileiros, 77). 2. ed. Lisboa, Livros do Brasil, s. d. 453 p. (Col. Livros do Brasil, 24). *Um brasileiro em terras portuguesas: introdução a uma possível lusotropicologia, acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da África, da Ásia e do Atlântico*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953. 438 p. (Col. Documentos brasileiros, 76). 2ª ed. Lisboa, Livros do Brasil, s. d. 296 p. (Col. Livros do Brasil, 28).
- 8 *Dictionary of modern thought*. London, W. Collins, 1983, Vinson, James, ed. *Contemporary world writers*. London, St. James, 1984.
- 9 Gilberto Freyre. *Apipucos: que há num nome? Não será este velho subúrbio o mais saudável dos pequenos Recifes que formam o Recife?* Com ilustrações a cores de Elezior Xavier. Recife, Editora Massangana, 1983.
- 10 Gilberto Freyre. *Continente e ilha*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943. 69 p. Incluído em *Problemas brasileiros de antropologia*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, p. 141-172.

- 11 Manuel Bandeira. Carta a Gilberto Freyre, de 4 de junho de 1927, incluída no epistolário de seu livro *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1958, v. II, p. 1398.
- 12 O anúncio de guias de Salvador da Bahia, Belém do Pará e do Rio de Janeiro foi feito em pós-escrito ao de *Olinda: 29 guia prático, histórico e sentimental de cidade brasileira*. Recife, Oficinas de Drechsler & Cia., 1939, e repetido indicação de obras em preparo que consta de *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Recife, Edição do Autor, 1940, p. 88.
- 13 Gilberto Freyre. *A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia*. Pref. de Leandro Tocantins. Rio de Janeiro, Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, 1964. 45 p. (Col. Araújo Lima, n. 14)
- 14 *Palavras aos jovens do Ceará*. Fortaleza, Instituto Lusíadas, 1978.
- 15 *Na Bahia em 1943*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1944. 210 p.
- 16 *Ordem, liberdade, mineiridade*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1946. 28 p. Incluído em *6 conferências em busca de um leitor*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- 17 "A propósito de paulistas". Em seu: *Problemas brasileiros de antropologia*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, p. 40-83.
- 18 *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Lisboa, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968. 2 v. 2. ed.: Cuiabá, Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978. 404 p.
- 19 *Sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo, 1940. 10 p. Reproduzido em *Província de São Pedro* (Porto Alegre) n. 7, p. 10-15, dezembro de 1946 e incluído na segunda edição de *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, p. 84-98.
- 20 Ricardo Sáenz Hayes. "Gilberto Freyre y la formación social brasileña". In: Gilberto Freyre. *Casa-grande y senzala*. Buenos Aires, Emecé, 1943, t. I, p. XI-XLVI.
- 21 Gilberto Freyre. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. 267 p. (Col. Documentos brasileiros, 4)
- 22 Gilberto Freyre. On the Iberian concept of time. Chapel Hill, United Chapters of Phi Beta Kappa, 1963. Separata da revista *The American Scholar* (Chapel Hill, N. C.) v. 32, n. 3, p. 415-430, Summer 1963. Trad. para o alemão e publicado, com o título "Die iberische Zeitvorstellung", na obra coletiva organizada por Hanns-Albert Steeger, *Der Lateinamerikaner und die Zeit*. Münster, Sozialforschungsstelle an der Universität Münster, 1967. Trad. para o português por Metzner Leone e publicado, com o título "Sobre o conceito ibérico de tempo", na revista *Humboldt* (Hamburgo) n. 18, p. 58-63, 1968.
- 23 Gilberto Freyre. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro, José Olympio. xxix + 265 p.

